

# As danças na educação básica: nas festas escolares e para além delas

Josiane Franken Corrêa  
Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

Débora Souto Allemann  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Thiago Silva de Amorim Jesus  
Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

## Resumo

O trabalho investiga a relação entre ensino de dança, festas escolares e outras possibilidades de acontecimento e inserção da dança na educação básica brasileira. A investigação apresenta análise bibliográfica de quatro pesquisas acadêmicas, que congregam diferentes regiões do Brasil, diversas formas de inserção da dança no currículo escolar e distintos tempos de atuação docente. Conclui-se que, se tratarmos a dança de forma atual, contextualizada e sem reproduzir discursos históricos do campo, é possível perceber que ela, muitas vezes, encontra-se nas festas escolares de forma consciente e através de processos de criação coreográfica justificados didaticamente. Atribui-se isso ao alargamento do campo, tendo cada vez mais profissionais licenciados na disciplina específica, aumentando, assim, a diversidade do ensino, bem como ampliando os espaços de atuação no currículo escolar.

**Palavras-chave:** ensino de dança; apresentação cênica; calendário escolar; docência; escola.

## Danças, espaços e eventos escolares

É costumeiro dizer que a dança na educação básica se encontra, principalmente, nos momentos festivos e datas comemorativas: Dia das Mães, Festas Juninas, apresentações de final de ano, por exemplo. Afinal, quem nunca presenciou ou participou de uma celebração envolvendo dança na escola?

Soares (2014, p. 12) nos auxilia a compreender que este tipo de acontecimento coletivo se configura como imprescindível para a sociedade, uma vez que:

Formada por experiências históricas singulares e profundas, a festa popular é o resultado de dinâmicas e interações de indivíduos, grupos e sociedades, revelando faces de uma cidade e de um país. Espaço de intervalo, de suspensão mesmo, a

festa interrompe certas normas inventando outras, inverte certos sentidos e enreda outros, ela não é, definitivamente, nem o tempo livre e nem o tempo disponível colocados em oposição ao mundo do trabalho. Dinâmico e iluminado, o tempo da festa é linha de fuga [...].

Trata-se de um saber popular que envolve música, dança, gastronomia, vestuário, ritos próprios, entre outros. Ou seja, estes momentos envolvem um conjunto amplo e complexo de manifestações culturais diversas e constituem-se como ambientes importantes de se fazer mostrar e de exaltar a cultura que produz uma ideia de sociedade com características próprias. Além disso, nestes momentos é possível incitar um engajamento social das comunidades sobre sua própria cultura, onde saberes-fazer são experienciados e atualizados de forma colaborativa.

Segundo Costa (2018, p. 115-116):

A festa opõe-se ao cotidiano, contudo vincula-se a ele transfigurando esse espaço numa espetacularização que, ao romper a lógica cotidiana abre caminho para a própria arte. A festa ganha status de *performance* e sua festividade a dimensão da performatividade. Em conformidade com esse status, a festa, então, adere-se à dimensão da cultura, expressando modos de fazer, pensar, estar e existir no mundo. Com esse descrever, a festa pode ser definida como terreno do possível.

Nesse sentido, o que pretendemos com este texto não é criticar as celebrações e, por consequência, estas e outras oportunidades disponibilizadas pelas escolas, mas sim, enfatizar que a dança é encontrada em variados momentos e de muitas maneiras no espaço escolar. A dança faz parte do cotidiano escolar, sendo a escola uma instituição que realiza suas atividades durante o ano todo. Além disso,

A dança está presente em diferentes momentos de nossas vidas, de diferentes formas, com diferentes sentidos. Dançamos desde crianças, sozinhas, em rodas, nos braços de nossos pais; quando adolescentes dançamos sozinhas imaginando estar com alguém ou com alguém bem mais perto, ou mesmo com muita gente ao redor, mas sozinha na dança. Nos tempos da vida adulta, a dança afasta-se um pouco, parece que vira coisa da juventude, mas tentamos em espaços mais sociais, ou quando o rádio nos pega de surpresa no banho, na sala, na cozinha... E aí dançamos. (BRASILEIRO, 2009, p. 8).

Em um movimento contrário a textos<sup>1</sup> que abordam a inserção da dança na instituição escolar como parte decorativa das comemorações letivas, pretendemos ir além da crítica às festividades e da ideia de que a dança é valorizada *apenas* nas festas escolares. Essa problemática, na nossa visão, já pode ser considerada uma questão em transição: partimos da hipótese de que o modo como a dança se apresenta na escola, bem como os diferentes

---

<sup>1</sup> Optamos, por crenças éticas, não nominar autoras e autores específicos que baseiam esta constatação e, por isso, daremos foco às pesquisas que justamente contrapõem este tipo de narrativa acerca do assunto. Acreditamos também, na temporalidade das pesquisas e em como os acontecimentos sociais de cada época e contexto acabam definindo teorias e credências.

gêneros que são ensinados, depende, substancialmente, do processo de como se deu a inserção da professora<sup>2</sup> de dança que ali atua e, da flexibilidade da comunidade escolar e da docente, no sentido de estarem dispostas a aprenderem juntas (CORRÊA, 2018).

É relevante ressaltar que existe uma mudança de perspectiva nos textos sobre dança na escola ao longo do tempo (CORRÊA; SANTOS, 2019). Tem-se cada vez mais pessoas licenciadas em dança atuando em escolas de ensino formal no Brasil, e isso incita modificações na forma de compreensão acerca do papel do ensino de dança por parte da comunidade escolar, o que, por consequência, resulta em novas pesquisas sobre o tema.

É importante retomar textos da década de 1990<sup>3</sup> sobre o assunto, por exemplo, para apropriar-se do caminho histórico da inserção da dança no currículo escolar, lembrando que, de fato, naquele período o papel da dança dentro dos momentos festivos do calendário educacional no ambiente escolar, assim como de outras linguagens artísticas, em sua maioria, acabava por ser apenas ilustrativo (PINTO, 2015). Segundo Pinto (2015, p. 29), a dança “[...] acaba servindo para o Dia dos Pais, Dia das Mães, Dia da Bandeira, Festa da Páscoa etc., somente como ilustrativa, como se não pudesse ser trabalhado o fazer/pensar em dança com relação aos processos significativos destas datas”. Em sua crítica a este tipo de abordagem da dança no calendário festivo escolar, a autora reforça:

A dança, como ilustração, diz respeito à utilização dela para abrilhantar, para enfeitar ou até para animar as devidas comemorações. Dessa forma, ela não se apresenta contextualizada, com possibilidade crítica, que interage com o contexto em comemoração. Ela acaba por servir como adereço do evento [...]. Sabemos que a dança desenvolve e provoca variados tipos de recepções e emoções, para quem dança e para quem assiste, mas não podemos nos restringir a utilizá-la como catártica. A questão não é se posicionar contra a dança nessas festas, mas como ela é utilizada. (PINTO, 2015, p. 29-30).

Porém, dos anos 1990 até hoje, muitas estratégias e alternativas foram criadas e, desse modo, torna-se imprescindível nos voltarmos de forma enfática para práticas e investigações que tratam da docência em dança escolar *in loco* e na contemporaneidade. Ainda assim, acreditamos que momentos de apresentação artística – sendo de celebração festiva ou não – são possibilidades importantes de aprendizado para crianças e jovens que estão nas escolas, e sabemos que boa parte das comunidades escolares já valoriza estes momentos. Marques e Brazil (2014), por exemplo, mencionam que há uma ênfase histórica neste tipo de vivência quando se fala em ensino de dança na instituição escolar.

Mas também vemos que existem movimentos paralelos, ou cruzamentos, que acontecem no cotidiano escolar e não em datas específicas e comemorativas. Esses movimentos nem

---

<sup>2</sup> Utilizamos o genérico de docentes e pesquisadoras no feminino em virtude de a grande maioria de profissionais da área serem mulheres, como é possível constatar no próprio recorte bibliográfico realizado.

<sup>3</sup> Considerado um período inicial e importante de produções acadêmicas acerca da dança na instituição escolar (FALKEMBACH, 2017).

sempre são testemunhados pelas famílias dos estudantes – ou mesmo por pesquisadoras que estão distantes da realidade escolar –, mas muitas vezes contam com o apoio da gestão escolar ou de colegas do corpo docente e são incentivados pelas próprias turmas que, ao terem contato com a área da dança de forma diversificada, buscam modos de criar danças que podem ser invisíveis para quem não vivencia o dia a dia escolar.

O trabalho aqui exposto é oriundo de discussões suscitadas na parceria entre os projetos de pesquisa “Projeto Unificado Ensino Contemporâneo de Dança na Educação Básica: pedagogias possíveis (OMEGA UFPel/CNPq)”, “A Dança como componente curricular no Colégio de Aplicação da UFRGS: caminhos de uma professora Licenciada em Dança” e “Projeto Unificado com ênfase em pesquisa: Poéticas Populares na Contemporaneidade”, e pretende realizar uma sondagem preliminar de estudo bibliográfico sobre o campo da dança na escola no que tange à relação entre ensino de dança, festas escolares e outras possibilidades de acontecimento e inserção da dança no cotidiano escolar. Para isso, buscamos investigações realizadas entre o ano de 2016 – ano em que foi sancionada a Lei 13.278, que torna obrigatório o ensino de artes visuais, dança, música e teatro na educação básica brasileira (BRASIL, 2016) – e o ano de 2019 – ano anterior ao fechamento das escolas em função da pandemia de coronavírus<sup>4</sup>.

Por compreender que a obrigatoriedade do ensino de dança na educação básica é recente e que, na prática, boa parte das escolas que ofertam essa atividade artística o fazem no turno inverso, selecionamos também pesquisas que falam da docência em dança fora do turno regular, porém no contexto escolar.

### **A festa como vilã da dança na escola**

É corriqueiro encontrar, em referenciais teóricos sobre dança na escola, a narrativa de que as festas escolares são as grandes vilãs para o desenvolvimento da área da dança no currículo escolar, porém, como já anunciado, não temos a intenção de reproduzir esse discurso. Para nós, comemorações podem se tornar oportunidades de estar em cena e se deparar com os desafios de encarar um público, além de propiciar à comunidade escolar momentos de apreciação, vivência cultural e artística. Como exemplifica Costa (2018, p. 116), ao tratar de manifestações populares brasileiras, as festas são espaços onde

[...] há complexa performatividade, estratégias pelas quais vão mantendo-se ativas e em constante transformação a atualização e criação de personagens diversos, elaboração sonora e musical variada, diferentes danças, brincadeiras abundantes, estados corporais complexos, jogos, improvisos e encenações remetendo a ideias de outras passagens, outras paragens. Como atuação em constante espiralar, são dispositivos que encontramos nesses terreiros e que podem ganhar dimensão

---

<sup>4</sup> O coronavírus (covid-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. O vírus é extremamente contagioso e, por isso, foram necessários o isolamento social e o fechamento de instituições onde havia significativa circulação de pessoas, como é o caso das escolas de educação básica. No Brasil, isso aconteceu em grande parte do ano de 2020 e em parte do ano de 2021. Mais informações em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/vacinacao/>.

pedagógica significativa no deslocamento para o contexto da educação, ou melhor, educações.

Simões (2019, p. 49-50), ao falar sobre o ensino de dança, o calendário escolar e suas festividades, coloca como relevante “o ato de proporcionar aos alunos a ida à cena”, desde que “em união com o que é trabalhado previamente” e, também “com a reflexão sobre o ocorrido posteriormente”. Para a autora, essas vivências “não podem ser encaradas como oportunidades para decorar as festas escolares, mas sim como parte de um processo de aprendizagem cuidadoso e consciente dentro da escola de educação básica” (SIMÕES, 2019, p. 49-50).

Na mesma perspectiva, Fialho (2016) afirma que é necessário questionar o modo como será gerado o trabalho cênico, especialmente os que são levados para momentos de celebração escolar. Para a autora, importa refletir “[...] como essas apresentações seriam realizadas na escola: se da forma tradicional ou através de um processo colaborativo” (FIALHO, 2016, p. 9). O modo tradicional para ela seria, em resumo, a reprodução de movimentos a partir de um modelo exterior, algo que Cone e Cone (2015) chamam de “modelagem”. Esta conduta é, muitas vezes, criticada por profissionais da área, como Fialho (2016, p. 10) menciona: “Encontrar críticas ao fato dos alunos reproduzirem coreografias criadas pelos professores no âmbito escolar é mais comum do que encontrar elogios.”

Na direção de ultrapassar a desvalorização das apresentações em festividades escolares e na crença pela possibilidade de um processo adequado de ensino e criação em dança, julgamos que o que não pode acontecer é a prática artística ser desenvolvida de forma leviana, sem que os alunos entendam o que estão fazendo ao ficarem expostos ao olhar da plateia ou se torne apenas decoração para eventos, algo já muito debatido em textos que discorrem sobre o tema em questão (MARQUES, 2007; BARRETO, 2008; STRAZZACAPPA, 2012). Tratando das exigências escolares às professoras de dança, Soares e Barros afirmam:

Quando estamos num contexto escolar, somos sempre escalados para realizarmos as atividades do calendário decorrente da escola, como Carnaval, Dia das Mães, São João, Festa do Folclore, Feiras de Conhecimentos, Festas de fim de ano, entre outras. Muitas vezes, sem perceber, transformamos os nossos alunos em “fazedores de danças”, onde desconsideramos todo o processo intelectual para o aprendizado. Ou seja, terminamos caindo na arapuca de apenas treinar movimentos com o nosso aluno para uma apresentação de dança. Não levamos em consideração, o contexto de determinada dança, movimento, ou até mesmo da festa. Tudo em prol do “resultado final” ou do produto. (2021, p. 29-30).

Ao analisar essa passagem, podemos pensar que o maior desafio não é driblar as festas escolares, mas sim entender o perigo em transformar, “sem perceber”, como colocam as autoras, os estudantes em fazedores de danças, diminuindo a importância do processo individual e coletivo de aprendizado. Afinal, como afirma Costa (2018, p. 116):

O espaço da festa é múltiplo e composto. Nele, as metáforas e o imaginário são potências para pensar as suas estruturas e alargar uma visão setorizada. Urge romper com uma visão mesquinha e reducionista desse acontecimento. Este terreno complexo precisa ser entendido para além da festa “fato”; para ser compreendido na festa “acontecimento”, na qual estão implicadas questões de uma lógica sociocultural que vão desde as carências até as disputas de poder.

Um aspecto que não é muito presente nos textos que abordam a dança no contexto escolar é que, muitas vezes, as festas são as únicas oportunidades para apresentações dignas de estrutura cênica, assim como acontece com festivais competitivos de dança: palco, elaboração de figurinos, aparelhagem de som, iluminação e/ou outros subsídios adequados para um evento mais convencional de exposição cênica. Simões (2019) fala sobre os momentos de apresentação de dança no ensino de arte como parte da “pedagogia da cena”, e complementa:

Ao refletir sobre a função pedagógica do acontecimento cênico nas aulas de dança, acreditamos que as apresentações (ou apresentações) também são parte do processo de aprendizado, especialmente para aqueles alunos que, até aquele momento, não tiveram a oportunidade de ir à cena. (SIMÕES, 2019, p. 31).

Mesmo que a escola não detenha todos os aparatos e estrutura física para montar um espetáculo em palco italiano, por exemplo, estamos falando também da participação de um público composto pelas comunidades, geralmente contando com a presença orgulhosa de familiares e responsáveis, ansiosos por visualizar um trecho do que é feito no interior da instituição.

Creemos, nesse sentido, que boa parte de pesquisas que falam da dança na escola tendo a festa como vilã e a gestão como pouco receptiva a processos que se afastem de eventos sazonais, “olha” para o ensino de dança na educação básica no mesmo lugar das famílias que assistem a apresentação apenas no final do ano. Há uma confusão: a festa e a exibição das danças estão como vitrine para o exterior da escola, mas não significa que estes são os únicos momentos de docência e ensino de dança no ambiente escolar, bem como também não significa que os produtos levados à cena sejam sempre desprovidos de consciência sobre os processos de criação artística.

### **Algum tempo já se passou: o que pode estar invisível, mas existente, ativo e potente na dança em ambientes escolares?**

Sendo a dança um campo jovem de conhecimento<sup>5</sup> no ambiente escolar, cabe destacar algumas pesquisas publicadas depois de 2016, que trazem descrições e reflexões sobre o trabalho de dança realizado em contextos específicos.

---

<sup>5</sup> Um dos primeiros documentos oficiais em nível nacional que indica a Dança como linguagem artística constituinte do componente curricular Ensino de Arte chama-se Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), lançado no Brasil em 1997 (BRASIL, 1997).

A busca por esses trabalhos acontece mobilizada por nossas experiências empíricas, que não são o foco da discussão, mas que é imprescindível mencionar. Lembramos, nesta oportunidade, que a experiência mobiliza o desejo de pesquisar e por experiência entendemos tudo aquilo que nos acontece, modificando o nosso modo de estar no mundo. “Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (BONDÌA, 2002, p. 27).

As autoras e o autor deste texto são licenciados em Dança, com vivências profissionais no cotidiano escolar e estas vivências, enredadas no estudo teórico, forjam um saber sobre dança na escola que, neste momento, induz à conversa com os quatro trabalhos mencionados adiante. São três dissertações de mestrado e uma tese de doutorado que tratam de escolas que possuem profissionais com formação acadêmica na área de artes e atuação no ensino de dança em seu quadro docente. As pesquisas contemplam, também, diferentes regiões do Brasil, formas de inserção da dança no currículo escolar (componente curricular arte, oficina ou grupo de dança) e tempos de atuação das professoras na mesma instituição.

O pesquisador Artur Garcez (2016), em sua pesquisa de mestrado, que investiga ações do grupo de dança do Colégio Marista, de Natal - RN, em que o autor atua como diretor, fala em sua dissertação sobre a desconstrução acerca do ensino de dança que aconteceu no grupo durante o passar dos anos de trabalho com os estudantes. Para um grupo de dança como o do Colégio Marista, que acontece no turno inverso dos componentes curriculares obrigatórios e que trabalha com danças populares, parece ainda mais difícil não ficar à mercê das festividades, uma vez que eles têm como princípio o estudo de manifestações artísticas da cultura, compostas por danças que podem ser significativas em ritos de celebração cultural.

Todavia, foi uma preocupação do diretor e da gestão escolar, desde a criação do grupo, não relegar a dança a eventos sazonais pré-definidos pelo calendário escolar e sim, realizar um trabalho direcionado aos desejos de aprendizagem do coletivo. Em meio aos anseios está a apresentação pública de obras artísticas, mas em locais e eventos selecionados conforme interesse do grupo, e para levar trabalhos coreográficos que já estão em desenvolvimento na sala de ensaio. Assim, a apresentação acaba sendo o meio de um processo e não um objetivo final, algo a ser atingido. O autor reflete:

[...] apresentações para atender tal data comemorativa (Festa Junina) me incomodavam e a partir dessas criações coreográficas sazonais, em especial as do Ciclo Junino, começou-se a pensar em coreografias que não atendessem a essa única finalidade. [...] os trabalhos coreográficos desenvolvidos durante o ano letivo foram se reorganizando a partir de danças populares brasileiras, para que os alunos além de dançá-las mantivessem o interesse por essas manifestações artísticas que, embora presentes no espaço escolar apontassem para essas datas comemorativas do calendário acadêmico. (GARCEZ, 2016, p. 30-31).

Com seu relato, o pesquisador aponta que as festas estão em meio às atividades do grupo de dança, mas que o grupo não é formado para servir a tais festividades. O trabalho desenvolvido ao longo do ano pode agregar valor artístico aos eventos sazonais do calendário escolar, mas isto é uma consequência de um trabalho já em desenvolvimento, não um objetivo inicial das criações realizadas pelo grupo. Garcez (2016, p. 76) enfatiza:

Vivenciar a dança na escola é não relegá-la a festas comemorativas e comemorações, ou à imitação de modelos da mídia. É, sobretudo, promover novas possibilidades expressivas, contribuindo para atender a um discurso presente na própria dança, que frequentemente é ignorado no contexto escolar.

Ao ler o trabalho de Garcez (2016) e, também, levando em consideração experiências empíricas, podemos dizer que há uma tendência de geração de expectativas por parte das escolas para com os grupos de turno inverso nesta questão das festividades escolares, como se fazer apresentações de dança nos eventos do calendário escolar pudesse estabelecer uma espécie de prestação de contas para a comunidade envolvida. Nestas oportunidades, familiares testemunham, de certa forma, o que os estudantes fazem fora do período regular das atividades escolares.

Já o ensino de dança realizado dentro do componente curricular ensino de arte pode estar sendo encarado pelas gestões escolares de outro modo, mesmo que ainda de forma tímida. Na sua pesquisa de doutorado, em que Josiane Franken Corrêa (2018) faz um mapeamento acerca da docência em dança em escolas públicas sul-rio-grandenses, a autora identifica com surpresa que, ao analisar as entrevistas de cinco professoras que atuam com ensino de dança na educação básica, pouco é mencionado pelas participantes sobre as escolas exigirem a produção de coreografias para exibição em festas escolares. Nesse sentido, a autora traz uma reflexão sobre o caráter de inserção destas docentes no magistério público estadual:

Diferentemente do que costumava ocorrer há dez ou há vinte anos, quando as práticas de Dança eram realizadas, na sua maioria, no turno inverso do currículo regular, o professor de Dança inserido atualmente na escola como regente do Ensino de Arte demonstra ter um status mais elevado no contexto escolar em relação ao seu antigo posto, mesmo que esse status seja, ainda, inferior ao dos professores de outras disciplinas. Isso faz com que ele tenha um maior poder de decisão e de persuasão dos seus ideais. (CORRÊA, 2018, p. 242).

Assim como as professoras pesquisadas por Corrêa (2018), que são responsáveis pela disciplina de arte em suas respectivas instituições, é o caso da professora pesquisadora Aline Dutra Fialho. Em dissertação publicada em 2016, a autora relata seu processo como professora do subcomponente curricular dança, na Escola Estadual João Walmick, situada na cidade de Ipatinga, Minas Gerais. Sua pesquisa tinha como intuito compreender os desafios de realizar apresentações artísticas na escola e, para isso, propôs duas abordagens



pedagógicas com os alunos. Fialho (2016, p. 4) realizou, com estudantes do 6º ano do ensino fundamental que cursaram o componente curricular arte, dois “[...] processos de composição coreográfica (um tradicional e outro através de grupos colaborativos)”, cujos resultados cênicos foram apresentados no Sarau Literário da escola.

Como conclusão, a autora aponta que as apresentações de dança num evento do calendário da escola foram importantes para fazer a comunidade escolar enxergar o processo de trabalho na disciplina de artes, além das muitas considerações positivas com relação à vivência e experiência dos alunos nesse processo de criação, aprendizado e apresentação do que é entendido como produto final.

Nota-se que a professora tinha como objetivo a apresentação de uma obra cênica, mas não com intuito decorativo, tanto que se preocupou, por exemplo, em apresentar novamente uma das coreografias noutro momento na escola, em função da falta de alguns alunos no referido evento. Fica nítido, também, que a apresentação foi encarada como uma consequência do trabalho realizado em muitas aulas de arte durante o ano letivo, pois o Sarau Literário teve sua data adiantada e a professora reorganizou, junto com a coordenação da escola, o cronograma de trabalho para que tivesse todo o tempo planejado para a criação e o aprendizado das coreografias. Ou seja, a apresentação estava atrelada a todo um tempo de trabalho pré-definido pela docente.

Por fim, apresentamos o caso de estudo que aconteceu no Colégio Estadual Thales de Azevedo, em Salvador, Bahia. Mauricio Oliveira (2016) realiza sua pesquisa numa escola onde o ensino de dança existe há mais de 19 anos através da docência da professora Marília Nascimento Curvelo, que possuía, na época, 24 anos de experiência como professora de dança na rede estadual. No ano em que a professora chegou no Colégio Estadual Thales de Azevedo, em 1997, “[...] montou um curso de dança com os seguintes conteúdos programáticos e/ou objetos do conhecimento: condicionamento físico, história da dança, apreciação artística, técnica, e processos criativos [...]” (OLIVEIRA, 2016, p. 55). Segundo Marília, sua proposta de aula de dança:

[...] tem como foco processos criativos que possibilitam novas formas de relações, favorecendo o autoconhecimento e o conhecimento sobre o outro, uma espécie de alteridade que transforma o processo de criação. Nele o que interessa são os diversos diálogos que emergem da expressão corporal de cada discente, sem formas prontas ou repertórios impostos pelo professor. (OLIVEIRA, 2016, p. 65).

Assim, a partir dessas passagens e de uma leitura geral da dissertação de Oliveira (2016), é possível notar que a professora Marília não coloca grande ênfase de seu trabalho nas apresentações para datas comemorativas, também em função da gestão da escola ser parceira no incentivo ao ensino da dança. Nesse caminho, percebe-se relação entre o estudo de Oliveira

(2016) e uma das questões abordadas por Corrêa (2018), no que diz respeito ao tempo de atuação das profissionais em cada escola, como pode ser verificado no trecho a seguir:

Pela maneira de como as professoras abordaram o assunto, constatamos que as coreografias para festas escolares ainda figuram como uma das solicitações da instituição escolar ao professor Licenciado em Dança, porém, esse tipo de pedido ocorre com maior frequência no período inicial de atuação desse professor, quando a equipe diretiva e a própria comunidade escolar, pela pouca familiaridade com os fazeres e saberes da Dança, ainda não compreendem a amplitude e o sentido do trabalho. (CORRÊA, 2018, p. 242).

Oliveira (2016, p. 77), ao abordar o tema, comenta algumas atitudes autoritárias da Secretaria da Educação, que, de modo geral, ainda espera que as professoras de dança “[...] contemplem o calendário festivo da escola com ações de entretenimento e criação de festas”, porém, relata que com o respeito e as parcerias que a professora construiu, depois de tantos anos de trabalho na mesma escola, ela resiste e segue realizando o trabalho que considera pedagogicamente adequado.

## **Considerações**

O trabalho aqui proposto teve o intuito de ampliar o olhar para o ensino de dança nos territórios da educação básica, na perspectiva de ultrapassar a desvalorização das apresentações em festividades escolares. A ideia baseia-se na crença pela possibilidade de realização de um processo de ensino e criação em dança que integre os momentos de ida à cena como parte do seu desenvolvimento e não apenas como resultado ou produto final a ser apreciado e “consumido”.

Nesse sentido, considera-se relevante atentar para as práticas de dança na escola para além do que é possível ver nas festas do calendário escolar. Percebemos que, muitas vezes, as pesquisas que tratam da questão “olham” para o ensino de dança da mesma maneira que as famílias, ao assistirem à apresentação apenas no final do ano, ou utilizam como referências bibliográficas obras que não condizem com a atualidade. Como colocado anteriormente, houve muitas mudanças no nosso campo na última década, mas ainda assim, a festa e a exibição das danças seguem sendo vitrine para o exterior da escola. No entanto, não significa que estes são os únicos momentos de ensino de dança no ambiente escolar.

Temos ciência de que a maioria das escolas supervaloriza os momentos de exposição, porém, como pesquisadoras do campo, julgamos importante valorizar o trabalho das professoras de dança pelo esforço que é feito no sentido de desempenhar muitas outras atividades para além daquele momento visto “de fora”. Pesquisas mais recentes (FIALHO, 2016; GARCEZ, 2016; OLIVEIRA, 2016; CORRÊA, 2018) têm apontado o universo em expansão que é o trabalho da docência em dança na educação básica e sentimos a necessidade de colocar isso em evidência.

Julga-se importante inverter a narrativa que dá palco apenas para as lacunas do ensino de dança na escola, para então iluminar os espaços de trabalho de forma ampliada e atualizada. Com uma análise mais aprofundada dos estudos de caso apresentados nas pesquisas, é possível concluir que a dança na escola não pode ser tratada de forma descontextualizada e nem de maneira a apenas reproduzir um discurso histórico do campo, pois cada local de trabalho mostra diferentes formas e possibilidades de colocar a dança em evidência no ambiente da escola. Algumas professoras seguem valorizando a ideia das apresentações como foco principal do ensino, afinal, tais eventos também são parte do processo artístico e importantes espaços de aprendizado. No entanto, é possível afirmar que quanto mais o nosso campo é alargado, maior é a diversidade do ensino das danças presentes na educação básica.

É possível pensar, ainda, que a socialização dos processos educacionais e artísticos em dança, que não esteja restrita a festas e eventos, configura-se como uma possibilidade potente e importante de valorização e desmistificação da dança no ambiente escolar. Uma estratégia para tal, portanto, poderia ser a de realização de ensaios abertos para a comunidade escolar, aulas práticas em conjunto com as famílias, intervenções e performances por diferentes espaços e em distintos momentos do ano (não apenas em datas específicas do calendário), entre outras alternativas. A dança integrada cotidianamente à rotina das escolas e de suas comunidades tende a contribuir enormemente para a quebra de paradigmas e consequente maior valorização desta linguagem artística nos cenários escolar e social, como um todo.

## Referências

BARRETO, Débora. *Dança...: Ensino, sentidos e possibilidades na escola*. Campinas: Autores Associados, 2008.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.

BRASIL. *Lei n. 13.278, de 2 de maio de 2016*. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Diário Oficial da União, Brasília, 03 maio 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Brasília: MEC; SEF, 1997.

BRASILEIRO, Livia Tenório. *Dança – educação física: (in)tensas relações*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2009.

CONE, Theresa Purcell; CONE, Stephen. *Ensinando dança para crianças*. 3. ed. Barueri: Manole, 2015.

CORRÊA, Josiane Franken; SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Políticas Educacionais e Pesquisas Acadêmicas sobre Dança na Escola no Brasil: um movimento em rede. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 9, 2019.

CORRÊA, Josiane Gisela Franken. *Nós, professoras de Dança: ensaio documental sobre a docência em Dança no Rio Grande do Sul*. 309 f. 2018. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

COSTA, Daniel Santos. CORPO-FESTA: uma proposta poético-político-pedagógica no contexto da educação básica. *Rascunhos*, Uberlândia, p. 110-130, dezembro de 2018.

FALKEMBACH, Maria Fonseca. *Corpo, Disciplina e Subjetivação nas Práticas de Dança: um estudo com professoras da rede pública no sul do Brasil*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FIALHO, Aline Dutra. *Ensino-aprendizagem de dança na escola: construindo significados e espaços*. 89 f. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

GARCEZ, Artur Martins. *Grupo de dança do colégio Marista de Natal: um percurso formativo em danças Populares*. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional Em Ensino De Artes - Profartes) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

MARQUES, Isabel A. *Dançando na Escola*. São Paulo: Cortez, 2007.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. *Arte em questões*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

OLIVEIRA, Mauricio Jesus. *Corporeidade pela Dança: o caso do Colégio Estadual Thales de Azevedo*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

PINTO, Amanda da Silva. *Dança como área de conhecimento: dos PCNs à sua implementação no sistema educacional municipal de Manaus*. Manaus: Travessia; Fapeam, 2015.

SIMÕES, Isabela Corradi Vianna. *A cena ensina?: perspectivas pedagógicas do e para o acontecimento cênico*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

SOARES, Carmen Lúcia. Quando o corpo é festa (prefácio). In: CASTRO JÚNIOR, Luís Victor. *Festa e corpo: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas*. Salvador: EDUFBA, 2014.

SOARES, Zuleide Nogueira Medeiros; BARROS, Patrícia Costa Pinto. A dança no contexto escolar: uma prática de saberes além do treinamento. In: GONÇALVES, Maria Célia da Silva; JESUS, Bruna Guzman. *Educação Contemporânea*. v. 23. Belo Horizonte: Poisson, 2021.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na Chuva... e no Chão de Cimento. In: FERREIRA, Sueli (org.). *O Ensino das Artes: construindo caminhos*. 10. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012. p. 39-78.